

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



VELOSO, José Maria de Queirós (Barcelos, 1860 – Lisboa, 1952)

Iniciou a sua formação na Academia Politécnica e na Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Mas deixaria a actividade médica para enveredar por uma carreira jornalística (*Folha Nova* e *Província*) meio em que conheceu, entre outros, Oliveira Martins, Eça de Queirós e Antero de Quental. Mudou-se para Lisboa em 1892, onde colaborou com o *Novidades*, onde conheceu Eugénio de Castro, e desempenhou funções administrativas na Companhia Carris. A sua entrada no ensino ocorre com a reforma liceal de Jaime Moniz (1895), sendo nomeado professor do Liceu Central de Évora. Na cidade alentejana foi director da Escola de Habilitação para o Magistério Primário e da Biblioteca Pública.

Em 1900 filia-se no Partido Regenerador, sendo eleito deputado pelo círculo de Vila Verde (Braga) no ano seguinte. Logo depois é escolhido para governador civil de Viana do Castelo, cargo que ocupará por duas vezes (1901/04 e 1906). Ainda voltaria a São Bento nas legislaturas de 1905, 1908 e 1910, quando o 5 de Outubro veio instaurar o regime republicano. No novo quadro institucional ocupou posições cimeiras no âmbito educativo, sendo Director-Geral do Ensino Secundário, Superior e Especial (primeiro no Ministério do Interior e depois no novo Ministério da Instrução), vice-reitor da Universidade de Lisboa e representante das Universidades no Senado da República (1918).

Regressaria ao ensino com a Reforma de 1901 do Curso Superior de Letras, tendo sido escolhido para a cadeira de História do Ensino secundário desde o século XVI. Em 1910, ainda antes da implantação da República e com a morte do então director do Curso Superior de Letras, Consiglieri Pedroso, Q. V. foi eleito para substituí-lo no cargo. Em 1911, ganhou a primeira eleição para a direcção da Faculdade de Letras de Lisboa. Dentro da Universidade, seria ainda vice-reitor. Manteria o cargo de director da Faculdade até 1929, quando atingiu o limite de idade e teve de deixar os seus lugares na estrutura universitária. Contudo, foi a partir deste momento que desenvolveu a maioria dos seus trabalhos historiográficos. Transitando do Curso Superior de Letras para a nova Faculdade, Q. V. integraria a Secção de História, regendo as cadeiras de História Geral da Civilização (1911-1930), Propedêutica Histórica (1918/19), História de Portugal II (1917-1930), além da cadeira de História da Filosofia Moderna e Contemporânea, por um curto período (1914/15).

Na obra historiográfica de Q.V. encontram-se algumas das características constituintes da historiografia erudita, como o valor dado ao documento, a centralidade das grandes figuras e o predomínio do factor político. O seu trabalho foi marcado pela defesa da construção do passado histórico suportado por uma minuciosa investigação documental. A preocupação maior é procurar reconstituir os factos determinantes da história nacional com o recurso a fontes, que sustentassem toda a argumentação histórica. Q. V. iria



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

dedicar-se ao século XVI, procedendo à reconstrução da política nacional desde a morte de D. João III até Alcácer-Quibir. As suas análises, com base em correspondência e negociações diplomáticas, vão centrar-se em construções político-institucionais em redor da acção das principais personalidades da vida política portuguesa da segunda metade de Quinhentos (D. Catarina de Áustria, Cardeal D. Henrique, D. Sebastião). Para tal, “trouxe” para o estudo da História portuguesa o Arquivo Geral de Simancas (Espanha) e os infindáveis recursos aí disponibilizados. Aqui recolheu as fontes documentais que poderiam constituir prova para estruturar a sua obra. Este trabalho de arquivística, que ele observara e apreciara em Alexandre Herculano e em Gama Barros, viria a granjear-lhe elogios contemporâneos e posteriores, em particular pelos documentos inéditos, mas também pela sua visão positiva e metódica dos mesmos.

A sua obra historiográfica, denunciando os limites da historiografia erudita, veio a ser criticada por historiadores inspirados pelas teses do movimento dos *Annales* (Vitorino Magalhães Godinho) pois ao restringir-se à documentação diplomática, Q. V. expõe as questões de um ponto de vista das negociações secretas e das acções das figuras determinantes em todo o processo. A visão do povo português, das massas populares é quase imperceptível, constituindo como que uma pequena parte do quadro de fundo onde decorre a acção principal – as intrigas e maquinações palacianas. A preocupação pelo facto criteriosamente datado parece não deixar espaço para a percepção da consciência popular e, até, nacional, sobre o processo histórico da segunda metade do século XVI. Nos seus estudos houve a preocupação por ultrapassar o quadro historiográfico de afirmação do período como o início da “decadência” do país. Em Q. V., esta definição da época não surge com tanta veemência. Não se deixando influenciar por motivações políticas ou teleológicas ou pelo pessimismo finissecular, assumiu que a decadência do país se desenvolveu após a morte de Filipe II e o declínio da hegemonia política e marítima espanhola, que haviam tornado Portugal vulnerável perante os opositores da monarquia católica. Deste modo, procurou reabilitar historicamente figuras controversas como D. Catarina de Áustria e o cardeal D. Henrique, afirmando as preocupações nacionais destas figuras da História de Portugal, numa época de reforço do ideal nacionalizador (*História de Portugal*, dir. Damião Peres, 1933).

Associou-se a inúmeras instituições científicas entre elas: a Academia das Ciências de Lisboa (sócio efectivo e presidente da classe de Letras), a Academia Portuguesa de História (académico de número e primeiro vice-presidente), a Real Academia de História de Madrid (correspondente). Seria condecorado com a Grã-Cruz da Ordem da Conceição e Grã-Cruz da Ordem de Isabel, a Católica, além de Grande Oficial da Ordem de Santiago e Espada e Grande Oficial da Ordem do Cruzeiro do Sul.

Bibliografia activa: *O Arquivo Geral de Simancas. Sua importância capital para a História Portuguesa*, discurso inaugural da 6ª secção do Congresso de Salamanca (Ciências filosóficas, históricas e filológicas) pronunciado na sessão de 26 de Junho de 1923, separata de *O Instituto*, vol. 70, nº 7, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923; «A formação profissional dos professores liceais – simples esboço da história do ensino secundário em Portugal», Oração de Sapiência lida na sessão solene de abertura da Universidade de Lisboa no dia 20 de Novembro de 1920, separata dos nº6-7 da *Labor*, Aveiro, 1927; «A dominação filipina», discurso pronunciado na 4ª sessão comemorativa do 3º jubileu da Academia das Ciências de

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Lisboa em 12 de Dezembro de 1929, *Biblos*, vol. VI, Coimbra, Coimbra Editora, 1930, pp. 387-410; «O Cardeal-rei D. Henrique. Novos aspectos da sua história», Conferência realizada no curso de férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 6 de Agosto de 1930, *Biblos*, vol. VI, Coimbra, Coimbra Editora, 1930, pp. 513-523; «Terceira Época (1557-1640) – História Política», vol. V, I parte, *História de Portugal* (dir, Damião Peres), Barcelos, Portucalense Editora, 1933, 9-272; «O significado histórico do 1º de Dezembro», *Palestra pronunciada na sessão de 3 de Dezembro de 1935 pelo Exmo. Sr. Prof. Dr. Queirós Veloso ilustre académico e antigo professor universitário*, Lisboa, Rotary Club de Lisboa, 1935; *No centenário do historiador Oliveira Martins*, separata da Academia das Ciências de Lisboa, vol. XVII, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1945; *Gama Barros*, Coimbra, separata da *Revista Portuguesa de História*, tomo IV, 1949; *O Interregno dos Governadores e o Reinado de D. António*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1953.

Bibliografia passiva: AGUILAR, Manuel Busquets de, *O Curso Superior de Letras (1858-1911)*, Lisboa, 1939; *Discurso pronunciado na Sessão Plenária de consagração ao eminente académico e historiador Prof. Dr. Queirós Veloso em 23 de Novembro de 1950*, Lisboa, separata do *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. XXII, 1950; DORES, Hugo Gonçalves, *A História na Faculdade de Letras de Lisboa (1911-1930)*, dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009; *Elogio do Prof. Dr. José Maria Queirós Veloso*, Lisboa, Academia da História Portuguesa, 1958; GODINHO, Vitorino Magalhães, *Ensaios*, III – sobre *Teoria da História e Historiografia*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1971; *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 18, Lisboa, Editorial Verbo, 1976, p. 846; MALPIQUE, Cruz, «Aquele que foi meu professor de História da Civilização, o Dr. José Maria de Queirós Veloso», *Barcelos*, nº 2, vol. 2, 1985, 188-198; MARQUES, A. H. Oliveira, «Notícia Histórica da Faculdade de Letras (1911-1961)», *Ensaios de Historiografia Portuguesa*, Lisboa, Palas Editora, 1988, pp.123-198; SERRÃO, Joel, «Historiografia. Na Idade Contemporânea», *Dicionário da História de Portugal*, vol. IV, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, pp. 438-446.

Hugo Dores



APOIOS:

